

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE História

História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos



UNISINOS – São Leopoldo – RS / 15 a 20 de julho de 2007

ANAIS

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

Movimentos sociais e luta pela democracia no Brasil

Marieta de Moraes Ferreira*

Resumo: O objetivo dessa comunicação é apresentar os primeiros resultados de um projeto sobre os movimentos sociais e processos de organização partidária durante a ditadura militar no Brasil. O foco principal de nossas preocupações é estudar as origens do Partido dos Trabalhadores (PT) tomando como perspectiva a ótica de seus fundadores. Para tanto elegemos como fonte privilegiada um conjunto de entrevistas realizadas com militantes de movimentos sociais, de diferentes regiões do país que participaram da fundação do partido. A idéia que orienta a pesquisa é procurar construir uma narrativa sobre a memória da fundação do PT a partir do relato daqueles que vivenciaram esse processo e que, ao contar suas histórias de vida relatam igualmente a trajetória do partido. Como estamos tratando de relatos de cunho autobiográfico, deve ser lembrado que estão datados pelo presente, reconstruindo um passado individual ou coletivo, conhecido direta ou indiretamente. Mais uma vez: a proposta é recuperar uma construção memorialística dos depoentes e, ao mesmo tempo, enfatizar a riqueza que esses relatos trazem sobre uma história das lutas contra a ditadura militar no Brasil.

Esse estudo é um desdobramento do convênio de cooperação entre o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC/FGV) e a Fundação Perseu Abramo (do Partido dos Trabalhadores), cujo principal objetivo é a constituição de um acervo de história oral sobre as lutas iniciais para fundação do PT.

Primeiramente, é preciso mencionar a conjuntura em que foram produzidos esses depoimentos. As entrevistas começaram a ser realizadas no início de 2005 com a perspectiva de produzir a recuperação da memória do partido quando se aproximava a comemoração dos 25 anos de sua fundação. Neste último ano, o Partido dos Trabalhadores atravessou grave crise interna sendo vários de seus dirigentes acusados de corrupção e compra de votos. Esse episódio iniciado em julho de 2005, provocou grandes dissensões e um desgaste muito grande junto à sociedade, rompendo com a imagem de um partido que se distinguia dos demais pelos seus compromissos éticos. Esse episódio levou a uma interrupção temporária, uma vez que vários dos depoentes resolveram adiar suas entrevistas e, assim, a própria continuidade do projeto ficou ameaçada.

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisadora do CPDOC/FGV.

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

A proposta do projeto é produzir um acervo que reúna um conjunto de depoimentos permitindo assim recuperar os momentos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT). Como ponto de partida, selecionamos um conjunto de nomes representativos por suas atuações nos diferentes estados brasileiros que pudessem através de suas narrativas recuperar os vários tipos de movimentos sociais que desaguaram na criação de um novo partido. Os depoentes são possuidores de experiências políticas muito distintas. Há no conjunto de depoentes uma variedade de perfis: intelectuais renomados, líderes sindicais de São Paulo, líderes camponeses, lideranças das favelas urbanas, etc. Esta escolha teve por objetivo, justamente, propiciar o contato com diferentes visões que conviviam na época, e ainda convivem no presente, sobre a fundação do PT.

A ditadura militar e a criação do Partido dos Trabalhadores

A ditadura militar instaurada em 1964 não dissolveu o Congresso. Contudo, em 1965, todos os partidos políticos tenham sido extintos e substituídos por dois: ARENA, que apoiava o governo, e o MDB, que lhe fazia oposição. O sistema de partidos políticos foi reestruturado em 1979, quando a anistia foi concedida. Novos partidos foram criados e a oposição se tornou mais fragmentada: o Partido dos Trabalhadores emergiu do movimento operário de São Paulo e o novo PDT optou por fazer a conexão com o PTB pré-1964.

O Partido dos Trabalhadores foi criado oficialmente em 10 de fevereiro de 1980. Sua origem pode ser localizada no movimento social de trabalhadores, com base na classe operária, e não a partir de bases congressuais ou de partido preexistente. Com a emergência das grandes greves operárias, localizadas no principal pólo industrial brasileiro (o ABC paulista), a partir dos anos de 1978, criou-se um foco de grande mobilização política e de contestação do regime militar. O sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo então presidido por Luis Inácio da Silva, o Lula, passou a desempenhar um papel chave no contexto das lutas sociais naquela conjuntura.

Em 1979, uma comissão informal lançou uma carta de princípios e deslanchou conversações com políticos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Poucos aderiram ao partido, mas o movimento por sua criação era irreversível, atraindo outros dirigentes sindicais identificados com o “novo sindicalismo”, militantes de agrupamentos de esquerda

dispersos, intelectuais, participantes de movimentos sociais diversos e membros de comunidades eclesiais de base (CEBs).

Após diversos encontros pelos estados, em 14 de outubro de 1979 o Partido dos Trabalhadores (PT) foi oficialmente estruturado com a formação de uma comissão nacional provisória, em encontro que reuniu cerca de cem pessoas em São Bernardo do Campo. Em 10 de janeiro de 1980, foi lida no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo a primeira versão do manifesto de lançamento do partido. No mês seguinte, cerca de quinhentas pessoas reuniram-se no Colégio Sion, também em São Paulo, para assinar o manifesto como fundadores do PT. Em 22 de outubro, o PT entrou com o requerimento de seu registro provisório junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Nos primeiros anos da década de 1980, o Partido dos Trabalhadores enfrentou o desafio de obter seu registro definitivo empenhando-se na formação de comissões municipais e ampliando seu quadro de filiados. As eleições legislativas e para os governos estaduais de 1982 foram uma etapa estratégica nesse processo, pela exigência de obtenção de um coeficiente eleitoral mínimo (5% do total nacional de votos e 3% dos votos em pelo menos nove estados). As maiores expectativas depositaram-se em São Paulo, berço do partido e estado em que o PT dispunha de seu principal nome para a disputa das eleições majoritárias. Deu-se nesse contexto o lançamento da candidatura de Lula ao governo do estado, em 1982.

Os objetivos maiores da campanha eram a ampliação da divulgação do programa e das propostas do PT entre os eleitores brasileiros e a consolidação do partido, em aliança com os movimentos sociais na oposição à ditadura militar. Ampliar as bancadas do partido nos legislativos era outro objetivo importante. Em São Paulo, apesar da consciência da fragilidade do novo partido, havia algumas expectativas em relação ao sucesso eleitoral da candidatura de Lula.

Os discursos de campanha de Lula tiveram como eixo central o acesso da classe trabalhadora ao poder, associando a luta pela ampliação dos direitos de cidadania ao conteúdo de classe das propostas do partido, expresso no *slogan* “Trabalhador vota em trabalhador”. O *slogan* explicitava também a tentativa de Lula e do partido de se diferenciar do restante das oposições.

O principal instrumento de propaganda eleitoral na campanha de Lula para o governo estadual foi o comício. Na reta final da campanha, Lula conseguia reunir cem mil

paulistanos em um comício e público superior a 20 mil pessoas em algumas cidades do interior. No plano nacional, o PT conquistou apenas 3,3% dos votos e alcançou o índice de 5% somente em São Paulo e no Acre, elegendo oito deputados federais (seis em São Paulo) e 12 deputados estaduais em todo o país. O partido não teve problemas com o registro porque a exigência do coeficiente eleitoral mínimo foi transferida para as eleições de 1986.

Desde sua fundação O PT procurou se distinguir dos demais partidos existentes. A novidade do partido segundo seus fundadores residia na defesa da autonomia dos movimentos e organizações populares e, sobretudo, em seus objetivos políticos pautados numa orientação socialista e democrática, ao lutar pela livre organização dos trabalhadores, ao propor o combate aos instrumentos de repressão do regime militar, ao defender a alteração da estrutura fundiária no país, ao combater a política salarial (de arrocho) e ao defender uma política social efetiva. Com o propósito de manter também uma democracia interna e abrigar diferentes grupos de esquerda o partido desde sua origem se compôs de diferentes tendências políticas.

A partir de 1982, primeira eleição disputada pelo partido, os resultados eleitorais demonstraram um crescimento continuado embora até o ano 2000 esses números tenham sido modestos, tanto no que se refere a eleições para o Poder Executivo quanto para o Legislativo.

A eleição presidencial de 1989, dez anos após a fundação do partido e a primeira após o regime de exceção, foi um ponto importante da vida política partidária. No primeiro turno foram derrotados todos os candidatos dos partidos anteriormente fortes, eleitoral e congressionalmente. Passaram ao segundo turno Fernando Collor de Melo (PRN) e Luís Inácio Lula da Silva (PT). Collor de Melo elegeu-se com 35.089.998 votos (53% do total de votos válidos); Lula obteve 31.076.364 votos (47%).

Novamente candidato à presidência da República em 1994, Lula perdeu para Fernando Henrique Cardoso, sustentado pela aliança entre o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o Partido da Frente Liberal (PFL) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ainda no primeiro turno. Nas eleições presidenciais de 1998 o Partido dos Trabalhadores se coligou, entre outros, com o Partido Democrático Trabalhista (PDT), tendo Lula como candidato à presidência e Leonel Brizola como candidato à vice-presidência. Como no pleito anterior, Lula foi derrotado no primeiro turno, obtendo 31,71% dos votos válidos.

Em meados dos anos 1990, após a conquista de várias prefeituras e de dois

governos estaduais, o partido passou a conviver com um novo, mas esperado, conflito: ser governo. A distância entre um programa partidário e sua execução é sempre grande; mas é ainda mais acentuada e dramática quando se trata de um partido ideológico-programático. Isto porque a ação governamental tem como característica o pragmatismo, a tomada de decisão em circunstâncias variáveis e, com frequência, pouco previsíveis; a justificativa e a orientação da ação se dirigem para a maioria do eleitorado e não para a militância e eleitorado do partido no governo. Ser governo é, atualmente, o grande desafio do PT.

Na primeira década desse novo século XXI seria a grande virada do Partido dos Trabalhadores. As eleições presidenciais de 2001 novamente levariam Lula a lançar sua candidatura e disputar as eleições. Depois de derrotado em três pleitos, finalmente Lula foi eleito no segundo turno, presidente da República, com 61,271% de votos válidos, derrotando o candidato do PDSB José Serra. Nesta disputa o PT elegeu ainda 3 governadores; 10 senadores e 91 deputados federais.

Em 2006, foi reeleito em segundo turno. Ele foi o candidato mais votado no primeiro turno, conquistando 48,61% de votos válidos. No segundo turno teve 60,8% dos votos válidos na disputa travada com Geraldo Alckmin (PSDB)

Trajetórias, memórias políticas, lutas sociais e ditadura militar

Do conjunto de 25 nomes selecionados, já foram realizadas 15 entrevistas, totalizando 45 horas gravadas. As entrevistas são conduzidas visando perceber a relação entre a trajetória pessoal de cada entrevistado e sua inserção na história política e social brasileira. A proposta que orienta a tomada do depoimento está voltada para captar aspectos da infância, formação, origens familiares e início na militância política. Uma segunda parte acompanha o ingresso do entrevistado no PT, as primeiras lutas do partido, as primeiras disputas eleitorais e as experiências com a participação na política parlamentar. Não faz parte das intenções do projeto acompanhar toda a trajetória do PT, até porque muitos dos depoentes ou não ocupam lugar de destaque, ou não integram mais a agremiação.

A partir desse conjunto de depoimentos já coletados podem-se aferir as possibilidades de pesquisa que o material oferece:

1. Traçar marcos cronológicos importantes para a compreensão dos movimentos sociais;
2. Detectar o registro da atuação de personagens-chaves que merecem menção ao longo das narrativas, e as redes de relação que se estabeleceram entre os militantes do movimento;
3. Identificar os eventos-chaves que marcaram a memória de cada um;
4. Conhecer diferentes formas de atuação e de mobilização durante as últimas décadas por atores e testemunhas desse processo;
5. Perceber as relações entre os diferentes grupos de militantes engajados nas lutas contra a ditadura e posteriormente na construção do próprio partido;
6. Compreender as relações entre os militantes e os poderes públicos.

Um segundo aspecto que merece a nossa atenção neste trabalho é a análise de alguns aspectos relevantes que compõem essa memória coletiva dos movimentos sociais. Os elementos recorrentes que aparecem nos permitem, ainda que em primeira análise, periodizar as narrativas em três momentos-chaves:

1. (1964-1978) - as lutas sociais travadas em defesa dos direitos dos trabalhadores e pelo restabelecimento das liberdades democráticas.
2. (1978-1982) - o processo de aproximação dos militantes de várias regiões do país, possuidores de diferentes experiências políticas em prol da fundação do PT.
3. (1982-1989) - o início da vida partidária e as primeiras experiências partidárias e eleitorais.

A partir dessa periodização podemos detectar ainda que elementos comuns são compartilhados por esses depoentes. Um primeiro ponto destacado por todos é o momento fundador, que engloba alguns eventos-chaves como as greves do ABC paulista, e a reunião do Colégio Sion, em São Paulo onde é assinada a ata de fundação do partido. Essa fase de

construção do Partido é relatada como de muitas dificuldades e desafios mas também como uma Idade de Ouro onde a crença na possibilidade de “mudar o mundo” era algo muito forte.

Um segundo ponto que emerge a partir da análise dos depoimentos é a construção do partido como uma experiência inteiramente nova de militância política e a crença de poder fazer política no PT de uma nova forma. Essa fase de construção do partido é relatada com muito orgulho e as palavras *esperança* e *utopias* são recorrentes

Em todos os relatos a figura de Lula é sempre retratada como excepcional, como um personagem que reunia qualidades e atributos especiais para exercer o papel de nova liderança política dos movimentos sociais neste momento de transição da ditadura para a democracia. Entre as qualidades referidas são mencionadas carisma, honestidade, acuidade política, senso de oportunidade e capacidade de negociação.

Uma mulher negra e favelada

Dentre os depoimentos coletados, uma trajetória que nos pareceu interessante para apresentar foi a de uma mulher, negra e favelada, que a partir de sua militância política e seu ingresso no PT foi eleita vereadora, deputada federal, senadora, vice-governadora, assumiu o governo do estado por nove meses, e finalmente ocupou o Ministério de Desenvolvimento Social.

Benedita da Silva nasceu numa favela na zona sul do Rio de Janeiro, em 1942. Foi estuprada aos 12 anos de idade e enfrentou inúmeras dificuldades materiais para sobreviver exercendo as mais diferentes atividades, desde vendedora ambulante até empregada doméstica. Ao longo desse percurso, Benedita da Silva dedicou-se à luta por melhores condições de vida na sua comunidade organizando uma associação de moradores que batalhasse contra o processo de remoção das favelas na cidade e conquistasse equipamentos urbanos básicos como água, esgoto, moradia para ela própria e seus vizinhos. Na conquista desses objetivos, Benedita destacou-se pela sua capacidade de mobilização e espírito de luta transformando-se numa liderança popular reconhecida no movimento das comunidades de favelados.

Alguns trechos de sua entrevista podem elucidar melhor alguns momentos de sua trajetória.

O ingresso na militância política numa favela carioca

“Eu comecei minha militância muito cedo, no envolvimento com a comunidade; mas o meu envolvimento foi na área educacional. Nós tínhamos o método Paulo Freire, que foi o método aplicado na comunidade, para ajudar na organização da comunidade; e, a partir daí então, eu comecei a conversar com as pessoas, com os vizinhos, formar grupos.”

“Mas eu queria que (...) vissem a situação nossa na comunidade: com a casa caindo, não podia consertar, não podia fazer casa de tijolos, tinha que ser aquela casa de barro... Nós sofremos coisas tremendas mesmo. Ficamos exilados no nosso próprio país, na nossa terra, na nossa comunidade.”

Uma atuação ativa em várias esferas das lutas comunitárias

“Eu fui secretária, eu fui presidente da associação, eu fui vice, eu fui tudo. (...) Não só de Chapéu Mangueira. Eu fui fundadora do departamento feminino das favelas. Eu fui fundadora da Federação das Favelas (Faferj).”

O engajamento na fundação do PT

“Até que chegaram para nós e começaram a conversar conosco, se nós não queríamos ajudar a criar um partido, e que, esse partido, nós íamos ter vez e voz e...aquela coisa. E eu já estava meio cansada daqueles políticos [de outros partidos] também, porque nos deixaram na mão; no período duro do Brasil, nós ficamos praticamente na mão.”

“Até que veio essa proposta do PT que nós questionamos bastante. Mas, acabamos indo em São Paulo.”

“Então, foi um grande movimento. E esse movimento fortaleceu muito, muito, a que essa base popular, que não era sindical, entrasse para o Partido dos Trabalhadores. Foi uma coisa muito interessante.”

A importância da liderança de Lula

“Então, essa minha entrada para o Partido dos Trabalhadores, quer dizer, eu sou fundadora, (mas) eu não deixei de questionar... Jamais pensei que eu fosse ser uma das pessoas mais apaixonada por Lula. Jamais pensei que ele fosse mexer tanto com a minha vida.”

“Quando a gente vê aquele homem [Lula], a gente pensa: não, você tem um compromisso. Ele é a tua cara. Ele é a tua imagem e semelhança. Como é que você vai ficar aqui no Chapéu Mangueira parada, quando tem um trabalhador... Então, ‘Benedita, levanta, vamos lá’. Você não é disso. Você é para construir.”

O primeiro cargo legislativo

“E fui escolhida de modo altamente democrático, não é. Porque o PT disse que eu seria candidata, eu disse: não, eu vou reunir minha comunidade, vou reunir a favela inteira. Aí reuni as favelas e disse assim: “Olha, o PT quer me lançar candidata, candidata a vereadora. Eu queria saber quem é que vem comigo, quem é que não vem.”

“1982 foi marcante, a minha ida para a Câmara de Vereadores. Lá, nós tivemos a oportunidade de defender, naquela época, os interesses da comunidade carente. Eu me lembro que, quando eu tomei posse, eu disse: “Mulher, negra, favelada, assim eu prometo.” Me chamaram de demagoga. E eu disse: “Eu não sou mulher? Não sou negra? Não sou favelada? Aonde está a demagogia?” E comecei a ter enfrentamentos ali porque a casa não estava acostumada a receber pessoas com aquele perfil.”

O PT como escola de política

“Eu me lembro que o meu discurso, meu discurso não mudava. Eu me lembro que, quando eu fui a uma reunião, é claro que eu tinha total conhecimento das articulações políticas, ideológicas, passavam pelas comunidades, mas não ao nível de aprendizado mesmo, por isso eu chamo o PT de uma grande escola, então tinha dia que eu ia para a reunião, saía

com uma dor de cabeça (enfática), porque eu não entendia nada, sabe, falavam tão difícil para o meu intelecto que eu... eu ficava assim...confusa.”

“Mas era difícil, para você entender, para você botar uma proposta... Aí, depois, nós começamos a disputar.(...)

E foi muito bom eu ter ficado, foi muito bom ter construído; houve um crescimento político enorme. De verdade, como nós teríamos essa projeção, se não fosse esse instrumento partidário e esse instrumento fosse o Partido dos Trabalhadores? Porque nós já conhecíamos outros partidos, nós já tínhamos lidado com partidos, não é, e sabíamos, realmente, que houve... quer dizer, é um partido diferente.”

Considerações finais

Neste trabalho procuramos apontar as possibilidades de uso para pesquisa que esse material pode ter, destacando algumas questões que foram recorrentes nas entrevistas tais como: o ingresso do depoente na militância política, a articulação dos diferentes grupos para a formação do PT, o papel de Lula como liderança capaz de aglutinar forças tão diversificadas e o significado do partido para os movimentos sociais e para a consolidação da democracia no Brasil. Como a pesquisa encontra-se em fase inicial e grande parte das entrevistas já realizadas, não foi ainda processada, não foi possível trabalhar o material de maneira mais aprofundada. De toda forma esse exercício com apenas uma entrevista nos indica a importância da montagem desse acervo de história oral, que uma vez processado ficará disponível para a consulta dos pesquisadores na internet, ampliando significativamente seus usos.

Um desafio desse projeto é tratar-se de uma iniciativa de um partido político que convidou historiadores para participar da realização e divulgação dos depoimentos. Assim, é, sem dúvida, um projeto de memória político-partidária, mas que ao utilizar a metodologia de História Oral propõe um uso ampliado desse acervo, para além de sua utilização como mero instrumento laudatório. Dessa forma, a produção desse conjunto de fontes para o estudo da história do Partido dos Trabalhadores contribuirá para a preservação da memória dos movimentos sociais, tornando-se uma referência de fundamental importância para a consolidação das lutas pela cidadania no país.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Alberto Carlos. **Por que Lula?** O contexto e as estratégias. Rio de Janeiro: Record, 2006.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (orgs.). **Rememória:** Entrevistas sobre o Brasil do século XX. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

CARVALHO, Apolônio de. **Vale a pena sonhar.** Rio de Janeiro: Rocco, 3ª edição, 1998.

Partido dos Trabalhadores: trajetórias. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2ª edição, 2002.

Partido dos trabalhadores: resoluções de encontros e congressos – 1979-1998. Organização: Diretório Nacional do PT; Secretaria Nacional de Formação Política e Fundação Perseu Abramo/Projeto Memória. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

Teoria e debate - Revista Bimestral da Fundação Perseu Abramo. Ano 19, Nº 64. Novembro/Dezembro de 2005.